



## O diálogo multidisciplinar entre Ciência, Religião e Psicanálise pelas lentes de Hans Küng sobre Freud

The multidisciplinary dialogue between science, religion and  
psychoanalysis through the lens of Hans Küng on Freud

Aline Fátima de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como proposta analisar a questão do diálogo multidisciplinar entre as grandes áreas da Religião, Ciência e Psicanálise. Para isso, buscou-se a análise crítica de Hans Küng, um teólogo católico-romano suíço, acerca do pensamento freudiano sobre a questão da Religião. Ele defendeu a tese de que não deve existir a repressão à Religião pela Ciência e vice-versa. Constatou-se que é preciso haver uma interação entre estes temas, para auxiliar o indivíduo em sua angústia, utilizando-se para isso de recursos terapêuticos favoráveis ao contexto biopsicossocial. Um tema desafiante e urgente, pois, com a constatação do aumento do uso de psicotrópicos no Brasil, terapias alternativas à medicação, que causa dependência, poderiam ser uma primeira opção de tratamento.

**Palavras-chave:** Angústia. Recursos terapêuticos. Biopsicossocial. Psicotrópicos no Brasil.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the issue of multidisciplinary dialogue between the great areas of Religion, Science and Psychoanalysis. To do this, we sought the critical analysis of Hans Küng, a Swiss Roman Catholic theologian, about Freudian thinking on the issue of Religion. He defended the thesis that there should be no repression of Religion by Science or the opposite. It shows that there needs to be an interaction between these themes in order to help the individual with their anguish, using therapeutic resources that are favorable to the biopsychosocial context. This is a challenging and urgent issue, because with the increase in the use of psychotropic drugs in Brazil, alternative therapies to addictive medication could be a first treatment option.

**Keywords:** Anguish. Therapeutic resources. Biopsychosocial context. Psychotropic drugs in Brazil.

---

<sup>1</sup>Mestra em Ciência da Religião – Psicologia do Inconsciente (Carl Gustav Jung) pela UFJF (2022), Psicóloga com ênfase em Clínica – Uniacademia (2023); graduação em Administração pela Faculdade Machado Sobrinho (2004) e-mail: alinejfbrazil@gmail.com



## Introdução

Hans Küng (1928–2021) foi um teólogo e filósofo, nascido em Sursee/ Suíça. Küng soma muitas histórias no âmbito religioso que marcaram seu espírito firme e crítico, como, por exemplo, ter seu direito de lecionar teologia, na Igreja Católica Apostólica Romana ‘*missio canonica*’, cassado (1979), pelo Papa João Paulo II (1920–2005), por declarar abertamente suas ideias, com o intuito de ampliar os horizontes impostos pela Igreja Católica. “Hans Küng, que é um dos suíços mais conhecidos fora do seu país, comprometeu-se em seus escritos com uma Suíça tolerante e aberta. Ele também é conhecido por suas opiniões favoráveis ao casamento dos sacerdotes, à ordenação de mulheres, à contracepção e à Teologia da Libertação” (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2018).

Como não poderia fugir a seu aspecto de apreciação, Küng também teceu sua opinião acerca do criador da psicanálise, Sigmund Freud (1856–1939), através de seu livro “Freud e a questão da religião” (*Freud un die Zukunft der Religion [1987]*). Sendo assim, um dos objetivos deste artigo será analisar alguns relatos contidos nesta obra.

Freud, por outro lado, um neurologista metódico, ligado às ciências da natureza, primava por um cientificismo, inclusive na sua Psicanálise. Àquela época, (final do século XIX, e início do século XX), as ciências da natureza tomavam o lugar de certas convicções sobre a Religião e a imortalidade, Freud fazia parte daqueles que eram considerados os Mestres da Suspeita<sup>2</sup>.

[Freud] não era um puritano, já que advogou por liberar as pulsões sexuais. Mas tampouco um libertário: acreditava que a pessoa deveria controlá-las. No plano político, eu o definiria como um conservador ilustrado, assim como Zweig. Foi um homem apanhado no turbilhão da revolução comunista, na qual nunca acreditou, e da emergência do fascismo. Perante essa situação, apostou em conservar as instituições

---

<sup>2</sup> Segundo consta na obra de Paul Ricoeur — *Freud and philosophy: An essay on interpretation* (1970) — Marx, Nietzsche, e Freud são considerados ‘Mestres da suspeita’. “Os mestres da suspeita não são mestres do ceticismo. Eles irão procurar outra via de acesso à consciência, um trabalho de interpretação mediado pelos signos e pelos símbolos a partir dos quais a própria consciência se manifesta. Assim, de maneiras diferentes entre si, os mestres da suspeita se colocaram a tarefa de estabelecer um método de decifração que tomou a forma de uma teoria das ideologias em Marx, uma teoria dos ideais e das ilusões em Freud e uma genealogia da moral em Nietzsche” (ZUBEN, 2008, p.35).



existentes, acreditando que a velha Áustria ainda poderia se salvar (ROUDINESCO, 2015, s. p.)

Essa exposição inicial, abordando algumas características de Küng e Freud, foi necessária pois, irá subsidiar o trabalho quanto à importância tanto do aspecto material (Ciência/médico), quanto do aspecto religioso (Religião/fé), e também, do ponto de vista psicológico na vida de um indivíduo. A sugestão para ler este artigo é colocar as lentes da proposta de um trabalho multidisciplinar entre as grandes áreas do saber: Ciência — Religião; propondo um diálogo especialmente entre a Psicologia, a Teologia, a Psicanálise e a Psiquiatria. Projetar para o futuro uma nova forma de ver a Religião, dentro de contextos plurais, ou seja, respeitar a posição de cada indivíduo, nesse processo, seja ele religioso ou não.

### **1. Freud: como tudo começou?**

Cabe frisar que o livro, *Freud e a questão da religião* (2006), representa uma leitura de Freud através das lentes de Küng, de certa forma, sensata em nossa opinião. Como já fora feita uma breve apresentação de ambos, não seria possível furtar-se à exposição de algumas críticas levantadas ao longo da obra. Uma delas é em relação a um discípulo de Freud, Ernest Jones (1879–1958), que lhe dedicara uma extensa biografia. Nesta, Jones afirmara, acerca da presença da Religião na vida de Freud, algo bastante contraditório, ao narrar que Freud crescera sem nenhuma exposição à religiosidade ou crença. Porém, depois disse que “Freud mesmo estava sem dúvida alguma familiarizado com todos os usos e festas judaicos” (JONES, 1989 *apud* KÜNG, 2006, p. 14).

A importância de revelar esse detalhe é procedente, porque a Religião esteve presente para Freud durante toda a sua vida. No início, pelo contexto judaico, quando seus progenitores exerciam tal influência desde pequeno; depois, quando ganhou a bíblia hebraica de seu pai, com uma dedicatória especial; e até o fim de sua vida. O mais importante dos amigos idosos de Freud era seu professor Samuel Hammerschlag (1826 – 1904) que lhe ensinara a história bíblica e o hebraico.

Já em relação ao Cristianismo, Freud tinha uma babá católica. Logo, ele era levado a acompanhar as missas, desta Religião, quando ela ia à Igreja. Por isso, ideias



como céu e inferno, salvação e ressurreição foram interiorizadas para o menino Freud que, chegando em casa, imitava a liturgia católico-romana; o que mais tarde, conforme sugere Küng, desencadeara a aversão a cerimônias e doutrinas. Isso também iria repercutir no seu primeiro artigo sobre Religião, cuja ideia central era que a Religião fosse uma neurose compulsiva universal. “Mas duas experiências ‘antirreligiosas’ — semelhantes à sua aversão à música — marcaram-no desde cedo profundamente: as experiências com o ritualismo e com o antissemitismo” (KÜNG, 2006, p. 16).

O que se constata, ao longo desta obra, é a relevância do tema ‘Religião’ na vida de Freud. Apesar de se tornar um ateu materialista-radical, a Religião fez parte de toda sua vivência e foi alvo de muitas reflexões e questionamentos. Por isso, é lícito questionar, utilizando-se da mesma estratégia linguística de Küng: será que, desde sempre, a Religião fez parte da vida das pessoas? Se houve um início, é possível uma comprovação de quando ocorrera tal fato?

A experiência de antissemitismo<sup>3</sup>, sofrida por Freud, marcou-lhe profundamente. Küng cita uma passagem em que o pequeno Freud (12 anos) observara seu pai sofrendo uma grande humilhação. Todavia, o Sr. Jacob Freud não tomara nenhuma atitude em sua defesa, gerando assim um sentimento adverso em seu filho, que o fez desacreditar da fé cristã. “Atingia-me sobretudo a suposição de que eu seria inferior e não pertenceria ao povo, por ser um judeu. A primeira eu rejeitava decididamente” (FREUD, 1948, *apud* KÜNG, 2006, p. 17).

Segundo Küng, o que influenciou Freud em seu materialismo radical, tinha a ver com a escolha de sua profissão pela medicina, pois ele queria desvendar os mistérios do mundo. Na medicina, Freud encontrou o seu “segundo pai” (KÜNG, 2006, p. 18), Ernst Wilhelm von Brücke (1819–1892) e, além disso, descobriu na fisiologia mecanicista e física recursos para compreensão do funcionamento do corpo humano. Nesse momento

---

<sup>3</sup> “O adjetivo “antissemita” fora utilizado pela primeira vez na Alemanha em 1860 por um eminente judeu orientalista da Boêmia, que, com esse termo, qualificara a manifestação de um preconceito hostil àqueles designados na época, de maneira erudita, não mais como judeus, porém como semitas. Frente a essa nova forma de ódio, o grande movimento de emancipação de Haskalá, oriundo do Iluminismo, arriscava parecer doravante uma espécie de interlúdio. Até ali denunciados por seu pertencimento a determinada religião, os judeus passaram a ser estigmatizados como oriundos de uma ‘raça ruim’: a dos semitas. Em 1879, a palavra deixou a esfera dos debates eruditos entre filólogos para constituir, na pena do medíocre literato Wilhelm Marr, o foco de uma nova visão de mundo: o antissemitismo” (ROUDINESCO, 2016, recurso online).



da vida, Freud trabalhou alguns conceitos com o propósito de demonstrar como o corpo humano poderia ser entendido através das transformações das forças ou energias físico-químicas, abstendo-se completamente de elucidações de uma filosofia idealista da natureza. “Assim uma ‘energia psíquica’ (energia que entra e sai, influxo e descarga de energia, estímulo, tensão e transferência, etc.) passou a ser um conceito central de Freud” (KÜNG, 2006, p. 20).

É no mínimo enigmático que o autor nos esclareça essa suposta transformação de Freud para o ateísmo, através da nova crença científica, de que a Ciência explicaria todos os processos psíquicos inerentes ao ser humano. Onde, em tal caso, ficariam os sentimentos e os desejos mais profundos do próprio Freud? Outro fator que também instiga o leitor desta obra, está relacionado aos traumas de infância ocorridos com Freud, acerca do antissemitismo, que não teriam sequer exercido um mínimo grau de influência na sua abdicação da fé religiosa. É um fato a se pensar, até porque “uma imagem vale mais que mil palavras”, como dito por Confúcio (551 a.C. – 479 a.C.). Como os cristãos, à sua volta, demonstravam comportamentos anticristãos, como no fato ocorrido na passagem com o seu pai, seria um bom exemplo de como não o ser. Portanto, há que se discordar, em parte, da seguinte visão do autor: “mas, essas experiências negativas com a religião, por mais que desacreditassem o cristianismo, não precisavam necessariamente ter abalado em Freud a fé — judaica! — em Deus. Como então isso aconteceu?” (KÜNG, 2006, p. 17).

Foi através da Ciência que a Psicanálise se utilizou do conceito de “jogo de forças” (KÜNG, 2006, p. 19), para explicar os processos psíquicos que regem o ser humano. Algo definido por um método de pesquisa, baseado em procedimentos científicos em substituição à Religião, à política ou à filosofia. Freud acreditava nesta Ciência a ponto de estabelecer sua passagem para o ateísmo, fundando assim uma cosmovisão (KÜNG, 2006). Ele dá um novo passo, rumo à investigação das doenças nervosas.

Porém, pouco depois de haver aberto sua clínica particular, Brücke conseguiu para ele uma bolsa de estudos para a meca da neurologia, a clínica de doenças nervosas de Salpêtrière, em Paris, com o grande Jean Martin Charcot. Aqui ele começou a interessar-se por histeria (também masculina) e hipnose (como método de cura): foram os



primeiros passos de sua pesquisa da alma, a virada da neurologia para a psicopatologia (KÜNG, 2006, p. 22).

Nesse momento, faz-se necessário utilizar-se do texto freudiano para a compreensão do surgimento da Psicanálise e o contexto daquela época.

## 2. A psicanálise

É válido apontar a importância da medicina no estudo da sexualidade humana sendo um valioso instrumento do materialismo científico. A medicina influenciou o que viria a ser a Psicanálise. Destaca-se aqui, no início desta, quando Freud (médico neurologista) fazia uso de recursos da fisiologia física, para explorar alguns conceitos iniciais desta nova Ciência que daria um tom determinístico e causal à sua teoria. Freud teve dois momentos marcantes, no que diz respeito a sua linguagem: o antes e o depois do livro, *A interpretação dos sonhos* (1900), em que sua linguagem anterior é marcada fortemente pela influência da medicina e, posteriormente, inicia um novo momento, quando de fato, se funda a psicanálise marcada por esta importante obra (KÜNG, 2006, p. 14).

No texto de Freud, *Uma breve introdução da psicanálise* (1923), pode-se constatar que a hipnose ganha destaque em suas pesquisas, pois permitiu-se comprovar a existência de algo que não está na consciência. Dessa forma, pôde-se verificar que mudanças somáticas advinham, exclusivamente, de questões mentais, que o próprio paciente as colocava em movimento. Constatava-se a partir do comportamento desse paciente, após a hipnose, que existiam processos mentais inconscientes, ou seja, não acessíveis ao consciente, já que este não recordava de nada que havia sido falado por ele. Pois sua memória não tinha acesso a nada disso. Jean Martin Charcot (1825-1893), em seus estudos sobre hipnose, descobriu que certas paralisias ocorridas após um trauma eram de natureza histérica; e que através da sugestão de um trauma, sob hipnose, poderia provocar artificialmente paralisia do mesmo tipo. Porém, foi seu aluno, Pierre Janet (1859-1947), que seguiu com as pesquisas e descobriu, com o auxílio da hipnose, que esses sintomas da histeria eram dependentes de certos pensamentos inconscientes (ideias fixas), e isto levava a uma dissociação da vida mental (FREUD, 1996e).





Contudo, a psicanálise se baseou nas descobertas do Dr. Josef Breuer (1842-1925), com o caso da paciente Anna O. (FREUD, 1996b), que tinha uma série de sintomas. Breuer a hipnotizava e conversava sobre coisas que ela não se lembrava; e após voltar do transe hipnótico ela melhorava, todavia não se lembrava de nada. Breuer percebeu que cada sintoma dela tinha sentido, não era aleatório. E com isso descobriu que os sintomas surgiam no impulso de uma ação que não fora efetuada, ou seja, fora suprimida. Logo, se um afeto era impedido de ser elaborado pela consciência, este era desviado para um caminho alternativo, passando por uma inervação somática fazendo uma conversão e gerando os sintomas no corpo. Mas, com a hipnose, através desse método catártico (precursor imediato da Psicanálise), tinha-se a vivência emocional (inconscientemente) desse impulso que não se pôde viver, liberando esse afeto estrangulado, trazendo esse benefício temporário ao paciente (FREUD, 1996b).

Na época, os neurologistas foram instruídos a lidar com questões científicas, fatores químico-físicos e patológico-anatômicos do cérebro (FREUD, 1996e). Portanto, as doenças nervosas funcionais, assim como a histeria, não apresentavam nenhum transtorno neurológico. Havia na histeria uma incidência muito grande de sintomas físicos, manifestados no corpo. Porém, de causa desconhecida, não aparente. Logo, o ‘fator psíquico’ está relacionado ao funcionamento da mente humana como um sistema de energia para Freud. E quando este era tratado como algo de pouca importância pelos neurologistas, eram deixados para filósofos, médiuns e charlatões, já que não havia respostas pela medicina. O fator psíquico é algo que não pode ser constatado num exame médico. Por isso, da necessidade de explicação desses fenômenos nasce a psicanálise (FREUD, 1996e).

Entretanto, Freud já havia percebido que a hipnose, por si só, não resolvia o problema psíquico (FREUD, 1996e). Essa técnica trazia um alívio imediato dos sintomas do paciente, de algo que ele mesmo não sabia o significado, pois, não era algo cognitivo, ou seja, realizado pela via da consciência. Freud descobriu que, depois de realizada a sessão de hipnose, os sintomas voltavam com mais força. Por isso, aquela não era a melhor saída, já que causava uma relação de dependência entre o médico e o paciente. Além disso, outra questão é que ele não conseguia hipnotizar todos os seus pacientes, pois nem todos eram sugestionáveis. Por isso, esse método catártico fora



abandonado, por também ser considerado mais um procedimento médico para influenciar certas doenças nervosas. Daí a decisão de abandonar o método e desenvolver uma nova técnica que seria a “Associação Livre” – o paciente assumiria a condição de falar, conscientemente, o que lhe viria à mente (FREUD, 1996e).

A técnica de Associação Livre (FREUD, 1996e) se tornou regra fundamental da Psicanálise, separando-a assim da hipnose. Estava claro que era um processo mais difícil. Porém, o ganho seria inestimável. O paciente teria que se esforçar para trazer à tona suas ideias, referente aos temas de que não se lembrava. Com isso, aquilo que fora esquecido, não era trazido à tona *ipsis litteris*, mas traziam-se alusões que com a ajuda do médico podia-se interpretar ou reconstruir o material esquecido. Logo, havia uma compreensão interna (*insight*) do que estava acontecendo. Ou seja, aquelas forças que estavam ocultas e que se tornavam sintomas, havia todo um trabalho para lutar contra essa resistência que se estabelecera no inconsciente. Por consequência disso, surgiria a Teoria da Repressão, preenchendo uma lacuna na etiologia dos sintomas neuróticos. E outros temas relacionados a isso vieram à tona como: recalque, resistência, sonhos, parapraxias, sexualidade infantil (complexo de Édipo) e a importância sexual na vida. Além dos conceitos de transferência e contratransferência (FREUD, 1996e).

Uma coisa Breuer não havia entendido e, por isso, não admitira: a importância da transferência, isto é, a relação positiva ou negativa de sentimentos do paciente para com o analista, que surge sem a cooperação daquele, e também o fenômeno inverso da contratransferência do analista para o paciente (KÜNG, 2006 p. 25-26).

Freud partia para uma nova forma de explorar a estrutura da psique. Sabia que as regiões do ‘aparelho psíquico’, onde quer que se situem no corpo, não são locais anatômicos ou um lugar físico, mas auxiliam na diferenciação do inconsciente e consciente. “São estas, pois, as duas mais importantes conquistas científicas de Freud: a teoria do inconsciente e da maneira como o inconsciente trabalha (“processo primário”, interpretação dos sonhos) e a teoria da libido (vida sexual infantil)” (KÜNG, 2006, p. 28). Küng destaca a importância do conceito de libido na teoria de Freud, que significa a energia dos instintos sexuais presentes desde o nascimento até o fim da vida e, com





isso, ele elabora a teoria da sexualidade (fases: autoerótica, oral, anal, fálica e genital) (FREUD, 1996d).

Após essa breve exposição do início da psicanálise, constata-se que Freud realizou uma importante descoberta referente ao campo da psique e, o quanto este campo influencia o corpo. A partir de agora, Küng irá nos apontar o pensamento de Freud sobre a Religião, após a Psicanálise, que se estabelece em relação a esse psiquismo. Buscando como referência, *O futuro de uma ilusão* (1927), sobre a indagação freudiana: “em que consiste a força interna dessas doutrinas, a que circunstâncias devem sua eficácia, que é independente de reconhecimento racional?” (FREUD, 2015, p. 84).

Acho que preparamos suficientemente a resposta a ambas as perguntas. Ela se apresenta quando atentamos para a gênese psíquica das ideias religiosas. Estas, que se apresentam como proposições, não são o produto da experiência ou resultados finais do pensamento; são ilusões, são realizações dos desejos mais antigos, mais fortes e mais prementes da humanidade, e o segredo de sua força está na força desses desejos (FREUD, 2015, p. 85).

Küng (2006) menciona essa descoberta de Freud em relação ao poder que o inconsciente exerce na psique do sujeito e se aproxima mais da técnica, do que seria, de fato, a Psicanálise. O mais intrigante é que seu objeto de pesquisa (metódico-científico) torna-se o inconsciente, algo totalmente impalpável aos olhos da Ciência, mas que exerce uma força inexplicável no ser.

### **3. A origem da religião para Freud**

É adequado salientar que “agora Freud já não se encontrava mais isolado, como na década posterior à separação de Breuer. Em 1902, ele finalmente recebeu o título de professor” (KÜNG, 2006, p. 29). Este destaque no texto se faz apropriado, porque a partir dessa conquista, ele passou a ganhar a atenção de algumas pessoas que se destacavam e, com isso, auferiu novos adeptos à Psicanálise, como por exemplo, Carl Gustav Jung (1875–1961) e Alfred Adler (1870–1937): “[...]três astros da psicologia do profundo [...]” (KÜNG, 2006, p. 49). A Psicanálise se diferenciara completamente da abordagem médica, inclusive, ultrapassando-a. No entanto, esses mesmos intelectuais,



posteriormente, teriam conflitos com Freud por divergência de opiniões teóricas; e, mais tarde, romperiam sua parceria com a Psicanálise freudiana. Outros pensadores, em destaque, naquela época, iriam influenciar Freud com suas ideias acerca da Religião — Marx e Feuerbach (KÜNG, 2006).

Contudo, o que se pretende focar neste texto é a visão de Freud em relação à Religião. “Em primeiro lugar, lancemos um olhar sobre o horizonte histórico: a questão da origem das várias religiões é para Freud muito naturalmente uma questão psicológica” (KÜNG, 2006, p.30). Küng faz uma referência de destaque histórico sobre a origem das religiões: para os teólogos cristãos e judeus, inicialmente, foi vista como uma questão dogmática, inclusive, os filósofos do Iluminismo racionalista (David Hume [1711–1776]). Apenas mais tarde, no final do século XIX, onde surgiria, de fato, a Ciência da Religião, mudou-se o olhar desses profissionais para um argumento científico, dando o devido lugar para a referida disciplina, sobre o seu papel: histórico, filológico, etnológico e psicológico (KÜNG, 2006).

Com a Teoria da Evolução de Darwin (1859), a preponderância desta não adviria apenas no campo biológico. A própria ideia, de quando se deu o surgimento da Religião, também sofrera influências de tal teoria. Pois, não seria mais considerada apenas a estrutura hierárquica monoteísta, de cima para baixo, mas o contrário desta. O antropólogo Edward Tylor (1832–1917) sugeriu que, para se encontrar a origem da Religião, bastava investigar as religiões dos povos primitivos, bem como suas histórias e costumes. Ou seja, como estas eram passadas aos seus descendentes, através das religiões que perduraram. “Um estágio humano primitivo com uma fé elementar nos ‘poderes’ ou nos espíritos, que só aos poucos evoluiu para algo mais elevado (teoria evolucionista)” (KÜNG, 2006, p. 32). Estudos realizados através da etnografia (Tylor, Wundt, W. Robertson Smith), mais tarde seriam admitidos, por Freud, para suas próprias constatações acerca do Totemismo.<sup>4</sup> Daí adviria a sua investigação sobre a

---

<sup>4</sup> Segundo Freud, é um sistema de relação social com regras, presente em um clã, representado pelo totem de um animal. “[...] o totem é o antepassado comum ao clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa seus próprios filhos. Em compensação, os integrantes do clã estão na obrigação sagrada (sujeita a sanções automáticas) de não matar nem destruir seu totem e evitar comer sua carne (ou tirar proveito dele de outras maneiras).



origem da Religião. Posteriormente, foram publicados quatro artigos que se transformaram no livro “Totem e tabu” (1913). Freud interpretou esses estudos como uma confirmação de que a Religião advinha de uma psicogênese, em que os ritos religiosos não passavam de ações neuróticas compulsivas. Em seu texto, ‘Atos obsessivos e práticas religiosas’ (1907), Freud é enfático ao fazer esta sugestão. Para o psicanalista não há “[...] uma distinção nítida entre ‘cerimoniais’ e ‘atos obsessivos’” (FREUD, 1996a, p. 67). Na finalização deste texto atreve-se “[...] a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal” (FREUD, 1996a, p. 71).

Em termos religiosos, esta estrutura fundamental da personalidade busca encontrar quietude para a sua alma atribulada pela angústia do devir, um porto seguro, uma nave resistente às vicissitudes da vida. E isso se dá através do amparo em liturgias, em rituais repetitivos, em normas que não dão margem ao acaso, em obediência e submissão à norma, à lei, à justiça divina (NOÉ, 2019, p. 48).

Conforme as observações de Freud, tanto em crianças quanto em adultos que possuíam medo de animais, ele percebia que, na verdade, esse medo, era medo do próprio pai; e que então se projetava, através de um símbolo paterno, nos animais. Esse medo dar-se-ia através de uma repressão inconsciente. A criança quer amar seu pai. No entanto, ela também o teme. Logo, ele dá uma explicação psicanalítica de que a criança substitui o pai pelo animal ao transferir seus sentimentos. Freud finaliza o seu livro com uma explicação psicológica para a Religião. “Portanto, a religião se fundamenta completamente no complexo de Édipo da humanidade como um todo! Para Freud estava explicada com isso a origem da religião. A religião baseia-se sobre o complexo paterno e sua ambivalência” (KÜNG, 2006, p. 37).

O autor nos informa que Freud estaria isento de culpa, sobre a sua compreensão acerca da origem da Religião, pois, ele fala em hipótese. O interesse primordial de Freud era descobrir as raízes da necessidade religiosa, sob o viés psicológico e não histórico. Nesta parte do texto, Küng nos dá a dica sobre a hermenêutica utilizada por

---

O caráter totêmico é inerente, não apenas a algum animal ou entidade individual, mas a todos os indivíduos de uma determinada classe” (FREUD, 1996c, p. 22).



Freud: sua Psicanálise. Freud se apropriara das descobertas históricas por conta da teoria evolucionista e também, em razão dos estudos etnográficos. Mas, ele fez a sua própria dedução sobre a origem da Religião.

Segundo Freud, de projeções (ficando óbvia a dependência de Feuerbach): a obscura percepção interior do próprio aparato psíquico estimula as ilusões do pensamento, que naturalmente são projetadas para fora e, de maneira peculiar, para o futuro e para um além. A imortalidade, a retribuição, todo o além, são assim representações do nosso interior psíquico ... são psicomitologia (KÜNG, 2006, p. 41).

Para Freud, as idéias religiosas sucedem do fato de desconhecermos nossa própria estrutura psíquica, por isso, nossos pensamentos se resumiriam em ilusão. As doutrinas religiosas não podem ser provadas e nem refutadas, e, com isso, admite-se que o único adversário sério da Ciência é a Religião. Nem a arte e nem a filosofia conseguem fazer o que a Religião faz, que é: instrução — confiança — autoridade. Todavia, Freud também fez críticas à Religião, como por exemplo, mencionar que o objetivo dela seria dominar o mundo dos sentidos através dos desejos do ser humano e, por isso, ele abominava qualquer forma de Religião. Ele se dizia um homem a favor da visão científica do mundo, pois, a Ciência rejeita a ilusão e se restringe à verdade (FREUD, 2015).

Assim, “com efeito, na opinião pública, não tanto por influência das igrejas, a psicanálise foi equiparada à irreligiosidade e à sexualidade, com a dissolução da religião, da ordem e dos costumes” (KÜNG, 2006, p. 48). De certa forma, a Psicanálise causou um incômodo na sociedade e isso abalou não apenas a Igreja, mas também seus parceiros mais próximos (Jung e Adler), que não compartilhavam da mesma opinião sobre a Religião como Freud. Nesse caso, o rompimento com Jung e Adler fora inevitável. Küng faz diversos questionamentos acerca da Psicanálise colocando em dúvida sua prática e seus pressupostos. Pois, foram exatamente esses pontos que causaram a dissolução da parceria e amizade com Jung e Adler. Isso fez com que seguissem caminhos diferentes. “Para Adler, o ponto de partida de sua teoria científica, o princípio que esclarece as perturbações psíquicas, não é o conflito entre o ego e o instinto sexual, mas sim a busca de superação [...]” (KÜNG, 2006, p. 50). Jung não via



o inconsciente como um reservatório de desejos reprimidos, assim como Adler não via o indivíduo como um ser dependente sem autonomia para agir.

#### 4. A origem da Religião para Küng

O que foi questionado, por Küng (2006), não foram os dados colhidos pelos etnógrafos daquela época, mas a interpretação sobre a conexão entre o totemismo e exogamia,<sup>5</sup> ou o próprio esquema da teoria evolucionista. Afirmar que pré-animismo, animismo e totemismo fizeram parte da história das religiões como primordial/primevo é um postulado dogmático e não comprovado historicamente. Não houve uma evolução linear na história da Religião e nem comprovação de fases mais primitivas, em todos os povos primitivos, segundo os etnólogos. Estas ideias são consideradas fenômenos *a posteriori*. O autor inclusive utiliza os termos ‘camadas e estruturas’ ao invés de falar em determinada fase ou época, pois, estas se interpenetram e não fica claro esta ordem de evolução (KÜNG, 2006).

[...] as teorias da história da religião utilizadas por Freud para fundamentar sua - como vimos - preconcebida concepção do complexo de Édipo como origem da religião praticamente não são defendidas hoje em forma pura entre os cientistas” (KÜNG, 2006, p. 57).

“Hoje existe certa desconfiança com referência a construções demasiadamente perfeitas, cujos problemáticos pressupostos passaram a ser questionados [...]” (KÜNG, 2006, p. 59). Küng foi muito perspicaz neste ponto, em razão de fazer diversas indagações desconstruindo todas as formas vistas até então, por todos os pesquisadores. Principalmente, colocou a questão do etnocentrismo em voga, ao indagar como a

---

<sup>5</sup> “[Os grupos de clãs dos referidos sistemas totêmicos] se subdividem em outros grupos, consolidam através de seus ritos e costumes esta instituição totêmica, onde a exogamia pode ser tida como sinônimo de uma obrigação Sagrada, que se violada recebe severas punições, podendo levar o transgressor à morte, já que tal transgressão é tida como algo que afeta toda a comunidade. É assim que o totem cumpre a função de guardião, pois preserva seu grupo de relações sexuais entre filhos e mães, filhas e pais, filhos e irmãs. Como exemplo, Freud destaca que se um homem de determinado clã se casa com uma mulher de outro clã, todos os filhos pertencerão ao clã da mulher, pois assim as relações sexuais incestuosas ficam impedidas, porque os homens nascidos desta relação não se unem com mulheres de sua própria descendência [...] pois são parentes totêmicos, já que este vínculo ultrapassa o modelo de família nuclear, pois consideram todo o clã como membros em união, portanto, impedidos também de um incesto grupal” (FERREIRA, 2017, p. 41).



Europa ou os EUA podem ser consideradas culturas superiores em relação aos povos primitivos estudados? Por isso, é preciso apreender a decisão do autor em falar de ‘estruturas e camadas’ e não de épocas. “O interesse teológico por trás do esquema antievolucionista era claro: com a tese do monoteísmo primitivo pretendia-se provar historicamente o fato de uma ‘revelação primitiva’. Na discussão científica isso se revelou como um peso” (KÜNG, 2006, p. 60). O que fica claro, por Küng, é que não se conseguiu provar até hoje qual é a Religião primitiva.

O que se comprovou, até o momento, foram esquemas dogmáticos, tanto em relação ao monoteísmo quanto ao animismo ou outras formas. Küng (2006) ainda menciona que por esse motivo, a Religião primitiva não deve ser procurada, pois faltam as devidas fontes. Por isso, Freud teria sido sensato em apenas supor sobre a origem da Religião pelo totemismo. “Por outro lado, também a teologia precisa confessar sinceramente que nada sabe sobre a origem da religião” (KÜNG, 2006, p. 61). Küng cita que uma teologia séria compreende que houve um desenvolvimento da humanidade a partir de estágios inferiores e que não está na busca de um ‘monoteísmo primitivo’. Inclusive, nos mais modernos manuais da história da Religião não se encontra a informação sobre ‘a Religião primitiva’. Até mesmo, a Ciência da Religião hoje, se pauta por esta abordagem: “seja como for, as diferentes culturas — ou “*patterns of cultures*”, segundo Ruth Benedict — devem ser entendidas a partir de si mesmas, e as diferentes religiões a partir de seus próprios pressupostos” (KÜNG, 2006, p. 62). Não existe uma única Religião da qual todas as outras advieram, mas existem várias religiões e várias culturas. “As religiões têm sido cada vez mais estudadas em seus contornos próprios por intensivas pesquisas de campo — recorrendo-se à filologia, psicologia, sociologia, etnologia, arqueologia, história da arte e folclore” (KÜNG, 2006, p. 62). Essa observação do autor se faz pertinente, uma vez que demonstra a necessidade que há de uma multidisciplinaridade para se entender a questão da Religião. Não basta apenas uma visão, mas uma pluralidade.

O termo ‘Princípio Pluralista’, criado por Ribeiro (2017), refere-se à ideia de acolher a diversidade de todas as formas, a partir do âmbito religioso. Apesar de toda a variedade que existe, o papel da Ciência da Religião não é classificar ou julgar as diferenças, mas acolhê-las conforme a especificidade de cada uma para compreender





suas funções. “Mas uma coisa ficou clara em todas as pesquisas, também do ponto de vista histórico: até agora, em toda a longa história da humanidade, não foi encontrado nenhum povo ou tribo sem algum traço de religião” (KÜNG, 2006, p. 62). Segundo Küng, a Religião sempre existiu [grifo nosso], para isso ele cita o exemplo do homem de Neandertal, já que a forma como era sepultado, demonstrava que havia ali uma ideia sobre a vida após a morte.

## 5. Tese de Küng

Primeiro, houve a repressão da Igreja em relação à Psiquiatria, por conta de uma questão de autodefesa; e posteriormente, houve a repressão da Religião pela medicina. O autor retoma uma citação, no início do livro, em que afirma que as religiões voltaram a ser mais frequentadas naquele momento.<sup>6</sup> Inclusive, é utilizado o termo “explosão de religiosidade” (KÜNG, 2006, p. 102), devido às variedades de sintomas que se apresentam na sociedade atual.

Por outro lado, Küng cita a Psicologia Humanista,<sup>7</sup> como uma das possíveis terapias que concebe a Religião de forma profícua. Por intermédio de sua abordagem holística (corpo, mente, social e espiritual), eleva a terapia a outro patamar, considerando a importância da Religião, em que o referido paradigma (perspectivo e pós-moderno) é bem diferente daquele proposto pela Psicanálise. “O que me interessa são as pessoas perturbadas e desorientadas em primeiro lugar e a importância da religião precisamente para essas pessoas. [...]eu advogo contra a repressão da religiosidade” (KÜNG, 2006, p. 128). Para ele, a Religião deve ser acolhida pelas demais áreas da saúde e reforça que não advoga por uma psicoterapia religiosa por respeito ao fenômeno

---

<sup>6</sup> A obra original, *Freud un die Zukunft der Religion*, foi publicada em 1987. Portanto, Küng está se referindo ao final do século XX. No entanto, as características relatadas por ele, naquele momento, vão ao encontro do contexto atual — século XXI.

<sup>7</sup> “Passaram a ser comuns as correções e complementações por meio de outros métodos de cura. Ao lado da terapia psicanalítica e da terapia comportamental- sob a égide de Abraham Maslow, Charlotte Bühler e Carl Rogers — estabeleceu-se como “terceira força” a terapia humanística. Cada vez mais se procura evitar os unilateralismos dos outros métodos — sobretudo o pessimismo da psicanálise voltado para o passado e o reducionismo atomístico do behaviorismo —, passando a concentrar-se sobre a vivência do homem integral, não reduzido, sobre o especificamente humano, e também sobre as forças positivas, sobre o sentido e a dignidade” (KÜNG, 2006, p. 124).



religioso. Pois, a discricção pela vida religiosa do paciente, deve se pautar pela ética. O autor advoga pela ‘Religião do coração’, e cita Edgar Draper,

Quando se puder saber qual a religião ou quais as crenças específicas ou que são importantes para uma pessoa em um determinado momento de sua vida, então se poderá também saber alguma coisa sobre sua crise atual, seus problemas de desenvolvimento, sua estrutura de caráter, e se poderá dar diagnósticos clínicos e psicodinâmicos exatos (DRAPER *apud* KÜNG, 2006, p. 129).

Como atender algum paciente num processo psicoterápico se não se sabe a representatividade que a Religião ou a falta dela tem na vida desse sujeito? De outra forma, a crença do ateísmo é um ponto central na vida deste ser? O psicoterapeuta deve se despir de qualquer preconceito, mesmo que saiba que a Religião não irá resolver os problemas do mundo. “O que está claro para mim, e que procurei esclarecer no início, é que em nossa época muitos problemas só existem precisamente porque as pessoas têm a religiosidade errada” (KÜNG, 2006, p. 130). Ele finaliza informando onde está a verdadeira religiosidade: liberdade — cura — equilíbrio. “A tarefa do teólogo, ou melhor, de todo homem religioso, é trabalhar, opondo-se a todas as deformações patológicas da religião, para favorecer uma autêntica, sadia e verdadeira religiosidade e religião” (KÜNG, 2006, p. 131).

Ao assumir os seus papéis enquanto escritor e teólogo, e, ao mesmo tempo, demonstrar a que veio, ao dizer, abertamente, a sua preocupação acerca da repressão da Religião no ambiente acadêmico (Psiquiatria — Psicologia—Psicanálise), Küng fornece os fatos da sua tese. Ele menciona que em livros e manuais de Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria, com raras exceções, o tema Religião aparece e, quando surge, referem-se a uma forma de neurose. Por isso, o questionamento, “como se explica que a Associação Americana de Psiquiatria, que dedica estudos à explosão de religiosidade na sociedade atual, até agora nunca tenha realmente abordado esta problemática em suas próprias fileiras[...]?” (KÜNG, 2006, p. 107).

Não deveriam, os psiquiatras em geral ou as pessoas de formação acadêmica e de razoável educação, questionar se talvez não se estaria manifestando aqui um fenômeno de repressão, e se essa “repressão” da religião não seria também um objeto merecedor de estudo, talvez



tanto quanto sua explosão em outras camadas e subculturas da sociedade? (KÜNG, 2006, p. 108).

Entretanto, há outros profissionais que agem de forma oposta; e cita o psiquiatra Edgar Draper, mencionando que acredita nas convicções religiosas para a compreensão psicológica do indivíduo (KÜNG, 2006). Admite-se que a Religião pode ter seus efeitos tanto bons quanto ruins, em qualquer pessoa. Afinal, trata-se de uma questão subjetiva que não está submetida ao controle.

A esse processo de repressão por parte da religião — esta é minha tese — correspondeu, no âmbito da psiquiatria, um processo de repressão igualmente grave e profundo: a religião foi reprimida na teoria e na prática psiquiátricas, onde, sobre questões altamente existenciais como fé e descrença, bem e mal, liberdade e amor, culpa e expiação, sentido e felicidade, muitas vezes pouca coisa se sabia dizer de aproveitável, porque a “personalidade” era inteiramente dissolvida nos processos, o “espírito” era desprezado como uma fantasia filosófica, e vigorava a recusa ao diálogo com a antropologia e com a teologia filosófica (KÜNG, 2006, p. 127).

Por isso, a tese manifesta de Küng é: não à repressão da Psiquiatria ou da Religião.

## **6. A proposta da Interdisciplinaridade**

Küng sugere que os teólogos deveriam aprender a utilizar a palavra com o exemplo de Freud, dado que o psicanalista demonstra a complexidade da linguagem e, concomitantemente, enfatiza a importância desta. “Psicólogos e teólogos, ‘médicos da alma’ e pastores, têm hoje inúmeras ocasiões para uma intensa colaboração. Felizmente a aproximação entre os dois lados tem registrado progressos” (KÜNG, 2006, p. 83). Isto é, há uma possibilidade de trabalho interdisciplinar, visto que é justamente a necessidade que ainda se percebe na academia, ainda existe uma distância entre: Ciência — Religião — Teologia — Psicologia — Psicanálise — Psiquiatria.

Outra questão trazida pelo autor é a crítica dos próprios psicanalistas em relação a esta disciplina, está no campo das ciências da natureza, o que possibilita a análise dos conteúdos sexuais. Ademais, os problemas do campo “espiritual” (KÜNG, 2006, p. 83) também precisam ser admitidos e não reprimidos. Há impulsos sexuais (admitidos pela psicanálise), mas há também as questões de origem espiritual. Como lidar com estas?



Não se pode afirmar que são da mesma origem sexual. Na perspectiva freudiana, seria sublimação da pulsão sexual. No entanto, Rudolf Otto (1869–1937) através de sua obra, *O Sagrado* (2014), nos demonstra um caminho possível para refletir sobre as questões espirituais. Segundo ele, é algo que deve ser discutido no campo religioso, porquanto, o seu entendimento à nível conceitual torna-se mais complexo.<sup>8</sup> Logo, cunhou o termo “o numinoso”:

[...] ‘o numinoso’ (já que do latim *omen* se pode formar ‘ominoso’, de *numen*, então numinoso) referindo-me a uma categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre ocorre quando aquela é aplicada. [...] Essa categoria é totalmente *sui generis*, enquanto dado fundamental e primordial ela não é definível em sentido rigoroso, mas apenas pode ser discutida. Somente se pode levar o ouvinte a entendê-la conduzindo-o mediante exposição àquele ponto de sua própria psique onde então ela surgirá e se tornará consciente (OTTO, 2014, p. 38-39).

Mais à frente, Otto irá informar seu leitor que os aspectos do numinoso pertencem ao irracional, e que por isso, não há uma definição absoluta. “Sua natureza é do tipo que arrebatava e move uma psique humana como tal e tal sentimento” (OTTO, 2014, p.44). Ele define essa sensação como pertencente ao *mysterium tremendum* [mistério arrepiante]. Mas, não se trata aqui de um medo comum, mas de um assombro como forma primeira de sentir esse misterioso, “[e] esse assombro somente é possível para a pessoa na qual despertou uma predisposição psíquica peculiar” (OTTO, 2014, p. 46).

Para Küng (2006), os pensamentos de Freud que são contrários à ideia religiosa, também poderiam ser uma ilusão. Fruto de uma projeção que ele realizara através do complexo paterno criado pela sua própria psique.

A ilusão, esta a sua característica, é motivada pela necessidade de realização dos desejos, portanto é um produto do sensitivo e do instintivo, necessita da técnica da análise psicológica para ser decifrada. [...] Porém, as ideias religiosas são diferentes das ideias da loucura na medida em que, como se disse, não tem necessariamente que ser erradas (Küng, 2006, p. 42).

---

<sup>8</sup> Todavia, não impossível de se discutir, conforme certas vertentes da própria Ciência da Religião e Teologia que visam, exatamente, realizar uma leitura e compreensão racional e conceitual da fé (a exemplo da própria teologia ratzingeriana, de J. Ratzinger/Bento XVI).



Por outro lado, pastores descobrem que alguns benefícios podem ser obtidos pela crítica da Psicanálise à Igreja: funciona como uma instância crítica própria contribuindo para uma fé adulta; e “[...]para esclarecer conceitos de tamanha importância como pecado e culpa, justificação e perdão, corporalidade e sexualidade” (KÜNG, 2006, p. 83). Nesse ponto, é sugerida uma aproximação entre as ideias da fé cristã e da Psicanálise. As duas juntas poderiam representar o ápice do desenvolvimento humano e psíquico. “De acordo com Freud, o homem tem que despertar para aprender a superar os instintos, o peso de sua própria história e o problema de sua consciência de culpa” (KÜNG, 2006, p. 83).

Porém, vale lembrar que cada uma está numa área e não se misturam em sua essência. Todavia, o teólogo defende que juntas, Psicanálise e Religião, poderiam auxiliar o homem. “Sua meta [Psicanálise] é o conscientizar, não o perdoar, é a cura, não a salvação” (KÜNG, 2006, p. 84). Para tal empreendimento, o psicanalista deve estar preparado, para apelar a algum tipo de fé, mesmo que não seja religiosa. Como seria isso? Da mesma forma, o teólogo não tem aparato para abordar as questões psicológicas, por isso, há que se ter o respeito e a ética entre as duas áreas. “E em vista da religião ele não pode fugir à difícil tarefa de tomar conhecimento de certos resultados dos psicanalistas e da crítica de seus adversários” (KÜNG, 2006, p. 84).

Chega-se à conclusão de que Psicanálise e Religião, apesar de estarem em direções opostas, é preciso estabelecerem uma dialética. Pois, uma interpela a outra e, em certo sentido se ‘corrige’ dimensões que correm o risco de serem negligenciadas por ambas as partes.

## **7. A religiosidade no diálogo multidisciplinar: cenários possíveis**

Hoje, no século XXI, o que se tem são formas de lidar com a estrutura psíquica um pouco diferente em relação ao formato anterior, todavia, mais aprimoradas. Através da Neurologia e Psiquiatria, Psicologia comportamentais, o principal material de apoio destes profissionais, em sua grande maioria, é um catálogo de sintomas diversos que



definem um comportamento humano (DSMV<sup>9</sup> e CID 10<sup>10</sup>). Apontam as suas características, naquele momento, e a partir destas, muitas vezes são medicalizados por agir de tal forma conforme o manual.

Considera-se que o medicamento não deve ser descartado. No entanto, o que se verifica hoje é uma excessiva utilização de psicotrópicos para sintomas que poderiam ser amenizados por outras vias, conforme estudo realizado por Souza (2016). Estes medicamentos agem diretamente no Sistema Nervoso Central e apesar de serem primordiais para certos tratamentos, como distúrbios psiquiátricos, provocam muitos efeitos colaterais, além de poderem causar dependência. A conclusão dos autores deste estudo foi, “a terapia alternativa não medicamentosa poderia ser abordada, para pacientes que apresentaram transtornos de depressão, ansiedade e insônia” (SOUZA *et al*, 2016, p.9). Basta observar o crescimento da indústria farmacêutica para se chegar a essa simples conclusão. Como exemplo, cita-se a própria cidade de Juiz de Fora, em que o aumento do número de farmácias foi excessivo.<sup>11</sup> Além disso, há um levantamento feito pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), em uma recente pesquisa, apontando o

---

<sup>9</sup> “[...] como afirmam Elisabeth Roudinesco (2013) ou Phylippe Pignarre (2006), dentre outros, é necessário abandonar o DSM como modelo hegemônico de diagnóstico no campo da psiquiatria. O manual necessariamente reduz os sofrimentos individuais a uma lista de sintomas ambíguos e pouco claros para um conjunto, cada vez maior, de patologias mentais. É preciso inventar estratégias que nos permitam compreender que os sofrimentos psíquicos só podem tornar-se inteligíveis no interior de uma história de vida. Somente a escuta atenta das narrativas de nossos ódios e amores, de nossos medos, conquistas e fracassos poderá nos auxiliar na difícil e infinita tarefa de construção e reconstrução de nossa subjetividade” (CAPONI, 2014, p.759-760).

<sup>10</sup> A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde é uma das principais ferramentas epidemiológicas do cotidiano médico. Desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a principal função do CID é monitorar a incidência e prevalência de doenças, através de uma padronização universal das doenças, problemas de saúde pública, sinais e sintomas, queixas, causas externas para ferimentos e circunstâncias sociais, apresentando um panorama amplo da situação em saúde dos países e suas populações (PEBMED, Disponível em: <https://pebmed.com.br/cid10/>).

<sup>11</sup> “[...] segundo dados da Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (Abrafarma), que reúne as 24 principais redes farmacêuticas brasileiras, em Juiz de Fora e mais 37 cidades de seu entorno o aumento foi de 4% em 2018, levando a cidade à totalidade de 239 farmácias e drogarias, de acordo com os dados do Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais, autarquia federal responsável por executar as leis da área. Considerando os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que estimam a população local em 564.310 habitantes em 2018, a cidade possui uma farmácia e drogaria para cada 2.361 pessoas, montante três vezes maior do que o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que preconiza que essa relação seja de uma para oito mil habitantes” (MORAIS, 2018, recurso online).





aumento de 36% no uso de antidepressivos e estabilizadores de humor, do ano de 2019 para 2022 (CFF, 2023).

Em contrapartida, há estudos de cunho científico, que apresentam a influência da fé na recuperação de doentes, colocando a atitude religiosa como algo de extrema validade para as pessoas convictas em seu próprio reestabelecimento. Segue-se como exemplo, a dissertação<sup>12</sup> publicada pelo discente Oliveira (2019), do Programa de Pós-Graduação em Saúde, da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). Nesta pesquisa foram apresentados dados que afirmam a importância tanto da espiritualidade quanto da saúde mental. A diferença é que este trabalho está sendo desenvolvido pelas lentes de um médico psiquiatra, com a proposta de incluir na grade curricular do curso de medicina em Psiquiatria, o ensino de religiosidade e espiritualidade, conforme proposta de sua tese<sup>13</sup> para o programa de doutorado da mesma instituição acadêmica. Ou seja, há 34 anos após a tese de Küng, ainda se encontra um cenário muito próximo ao já relatado.

De acordo com Fabrício, a dissertação mostrou que 3 mil trabalhos analisados apresentam uma relação positiva entre religiosidade, espiritualidade e saúde mental. Ele ressalta que “84% da população possui uma religião. Segundo a OMS, cerca de uma em cada 10 pessoas no mundo tem algum transtorno mental. Então, são dois grandes temas do universo humano”. O professor orientador da pesquisa, Alexander Moreira-Almeida, reitera que a importância do trabalho está em “poder capacitar os psiquiatras a abordarem um tema muito importante para boa parte da população mundial. Muitas vezes, os pacientes reclamam que a religiosidade deles não foi levada em conta no tratamento. Então, a nova proposta de currículo irá ajudar a desenvolver psiquiatras mais sensíveis e capacitados para lidar com a espiritualidade dos pacientes” (UFJF Notícias, 2019, recurso online).

Após a releitura do texto de Küng, não foi possível deixar de pensar no momento contemporâneo e o papel da Religião para o ser humano. Conforme os dados que se apresentaram ao longo deste artigo, deixa-se aqui a seguinte indagação, utilizando-se da

---

<sup>12</sup> A referida dissertação poderá ser acessada na íntegra através do Repositório Institucional — UFJF: O ensino da religiosidade e da espiritualidade na residência médica em Psiquiatria: revisão sistemática de literatura e proposta curricular, no endereço <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10292>.

<sup>13</sup> De acordo com Lattes ( <http://lattes.cnpq.br/2429982841981319>), o título proposto para tese de doutorado que está em andamento é: “Implementação e Avaliação de um Currículo em Religiosidade e Espiritualidade na Residência Médica de Psiquiatria no Brasil: um estudo multicêntrico” (LATTES, 2020, recurso online).



mesma retórica de Küng: será que hoje a medicalização excessiva tomou o lugar da Religião, e está desbancando-a pelas farmácias, nas esquinas das cidades? Ou a Ciência resolveu ocupar o lugar da Religião e oferecer a possibilidade ritualística (tomar o remédio) para solucionar, momentaneamente, todos os sintomas neuróticos dos sujeitos iludidos? O que seria a ilusão nesse caso? Roudinesco (2000), em sua obra “Por que a psicanálise?”, discute a presença da clínica psicanalítica em um contexto social de hipermedicalização, corroborando para as suspeitas levantadas acerca desse excesso.

A critério de simples comparação, com os dados que Küng utilizou no estudo de caso publicado pela APA, teve-se a ideia de fazer uma busca geral, despreziosa, no site da APA<sup>14</sup>, a mesma instituição, a qual ele se referiu em 1987. O intuito foi tentar descobrir em qual patamar encontra-se o tema Religião, no século atual. Para tal, utilizou-se de um grupo de descritores,<sup>15</sup> e verificou-se quantas vezes cada tema mereceu destaque. Chegou-se a uma nova conclusão: hoje a questão da Religião parece estar em conflito direto com a medicalização (drogas, álcool e outras substâncias). Não que a questão da sexualidade tenha se resolvido, mas o uso de álcool e outras substâncias são temas de maior destaque que a própria religião e sexualidade juntas.

### Considerações finais

No que diz respeito ao contexto religioso, no âmbito acadêmico, ainda existem certos preconceitos e concepções. No entanto, quem dita as regras do jogo não são apenas os representantes da instituição acadêmica, mas também seus participantes, e aqui se inclui o corpo discente. Se hoje, podem-se ter disciplinas como: Psicologia da Religião; Antropologia da Religião ou Psicologia, Espiritualidade e Saúde, como possibilidade de escolha pelos alunos, significa que há um novo olhar investigativo e também, a promoção de respeito e alteridade. “Estou errado quando, no terreno da

---

<sup>14</sup><https://www.psychiatry.org/about-apa>

<sup>15</sup> [grupo de descritores pesquisados: *religion* - 34 documents; *religiosity* - 4 documents; *spirituality* - 26 documents; *sexuality* - 25 documents; *mental disorders* - 996 documents; *medication* - 251 documents; *drugs* - 68 documents; *other substances* - 988 documents; *symptoms* 291 documents; *symptomatic behavior* - 525 ] (APA, 2023, recurso online).



psiquiatria acadêmica, tenho a impressão de que a religião, embora ocasionalmente possa estar presente, quase sempre é vista de forma negativa?” (KÜNG, 2006, p. 105).

Küng chamou atenção, naquela época (1987) para o fato de a Religião não ser uma disciplina presente na formação de Psiquiatria. Hoje, chama-se a atenção para o mesmo problema! A questão não é impor uma disciplina acadêmica para doutrinar um corpo discente. Mas, dar uma opção para que o aluno conheça esse outro campo e possa fazer suas próprias críticas. De fato, é preciso respeitar a opção religiosa de seu paciente e reconhecer que esta pode influenciar na sua propedêutica. Percebe-se a Religião como uma área de desinteresse por vários profissionais da saúde — psiquiatras/psicólogos/psicanalistas —, mas não todos! Quando não a identificam como origem de uma neurose, também não questionam sobre o assunto, perdendo espaço, inclusive, para o tema sexualidade que também merece destaque. Basta verificar a grade do curso de medicina psiquiátrica, para se constatar que ainda não existe nenhuma disciplina de âmbito religioso ou espiritual em seu arcabouço (UFJF, 2023).

Segundo Freud a Ciência não é uma ilusão; e, a sua maior adversária é a Religião. Mesmo assim, os caminhos ocultos não estão apenas na seara da Religião. “A resposta de Freud é [...]: na minha opinião, a psicanálise é incapaz de criar uma visão própria do mundo. Ela não tem necessidade disso, é uma parte da ciência e pode aderir à visão do mundo da ciência” (KÜNG, 2006, p. 46).

Küng coloca diversas questões e o que ele sugere é que mesmo que os profissionais da saúde mental não sejam religiosos, deveriam compreender o tema e se ocupar do mesmo, já que este assunto atinge toda a população. Mesmo que se trate de uma irreligiosidade, isso também irá refletir na vida do ser humano. É um tema que não há como escapar. Faz parte da vida do ser humano ou ser ateu, ou ser crente, ou ser agnóstico, ou gnóstico. Por que não tentar dialogar com a questão? Se pensar em assuntos ligados ao gênero, raça, cor, etnias, sexualidade, enfim, a pluralidade são temas que também não podemos deixar escapar neste momento da humanidade. Dessa forma, a Religião também se encaixa aqui nesta proposta multidisciplinar.

**Referências bibliográficas**

American Psychiatric Association - **APA**. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/about-apa>. Acesso em: 11. set. 2023.

CAPONI, Sandra. O DSM-V como dispositivo de segurança. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.24, n.3, 759-760, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000300005>. Acesso em: 01.set. 2020.

CFF – Conselho Federal de Farmácia. **Vendas de medicamentos psiquiátricos disparam na pandemia**. Disponível em: <https://site.cff.org.br/noticia/noticias-do-cff/16/03/2023/vendas-de-medicamentos-psi-quiatricos-disparam-na-pandemia>. Acesso em: 11.set. 2023.

FERREIRA, Soraya Cristina Dias. **Freud & Jung — Do complexo de Édipo à alma naturalmente religiosa**. Porto Alegre, Editora fi, 2017, p.41.

FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 9 Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. **Casos Clínicos. Srta. Anna O. (Breuer)**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 2, Rio de Janeiro, Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão/** Sigmund Freud; tradução de Renato Zwick. Porto Alegre - RS: L&PM, 2015.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.13, Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 7, Rio de Janeiro: Imago,1996d.

FREUD, S. **Uma breve descrição da psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol.19, Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

IHU Notícias. Hans Küng, o teólogo crítico, completa 90 anos. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. São Leopoldo - RS. 13.mar.2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/576886-hans-kueng-o-teologo-critico-completa-90-anos>. Acesso em: 21.ago. 2020.

KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas: Verus, 2006.

MORAIS, Mauro. Por que Juiz de Fora tem três vezes mais farmácias do que o recomendado? Cidade segue uma tendência mundial, mas o que isso revela sobre o homem contemporâneo? **Tribuna de Minas**. Juiz de Fora. 28.out.2018.



<https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/28-10-2018/por-que-juiz-de-fora-tem-tres-vezes-mais-farmacias-do-que-o-recomendado.html> Acesso em: 23.ago. 2020.

NOÉ, Sidnei. Notas para uma hermenêutica psicológica do mistério. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul. /Dez. 2018, p. 32-57.

OLIVEIRA, Fábio Henrique Alves de Oliveira e. **O ensino da religiosidade e da espiritualidade na residência médica em psiquiatria: revisão sistêmica de literatura e proposta curricular**. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde), Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em Saúde, Faculdade de Medicina. 2019.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 38-39.

PEBMED. **CID 10**. Disponível em: <https://pebmed.com.br/cid10/> Acesso em: 01.set.2020.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. “**O princípio pluralista: bases teóricas, conceituais e possibilidades de aplicação**”. Cadernos de Teologia Pública - IHU, XVI, vol. 14, n. 128, 2017

ROUDINESCO, Elizabeth. Freud nos tornou heróis das nossas vidas. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. São Leopoldo - RS. 09.set.2015. Entrevista original - Álex Vicente, jornal El País, 04-09-2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/546550-elizabeth-roudinesco-freud-nos-tornou-herois-das-nossas-vidas> . Acesso em 26.ago.2020.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a psicanálise?** (Trad. Vera Ribeiro). Editora ZAHAR - Rio de Janeiro, 2000.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Tradução: André Telles. Programa de Pós-graduação em psicanálise/UERJ-RJ. ZAHAR. 2016. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=DhPUDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q=SEMITA&f=false](https://books.google.com.br/books?id=DhPUDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q=SEMITA&f=false) . Acesso em 26.ago.2020.

SOUZA, M. *et al.* Uso de psicotrópico no Brasil: uma revisão de literatura. **Revista UEPB** - Universidade Estadual da Paraíba. v. 12, n. 4, out/dez 2016. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/biofarm/article/view/3226>. Acesso em: 26.ago.2020

UFJF Notícias. Dissertação propõe currículo para a psiquiatria com ênfase em religiosidade e espiritualidade. **UFJF Pesquisa e Inovação**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2019/02/27/dissertacao-propoe-curriculo-para-a-psiquiatria-com-enfase-em-religiosidade-e-espiritualidade/>. Acesso em 26.ago.2020



UFJF. Grade do Curso 07GV - **MEDICINA Currículo: 12014**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/medicina/graduacao/grade-curricular-3/> Acesso em: 11.set. 2023.

ZUBEN, Marcos de Camargos von. Ricoeur, Foucault e os mestres da suspeita: em torno da hermenêutica e do sujeito. **Trilhas filosóficas**, v.1, n.1, p.35, jan/jun 2008.